



A influência dos escritos judaicos de *I Enoque*, *II Enoque* e *III Enoque* no desenvolvimento da literatura apocalíptica islâmica medieval: *insights*

The Influence of the Jewish Writings of *I Enoch*, *II Enoch* and *III Enoch* in the Development of Medieval Islamic Apocalyptic Literature: Insights

Filipe de Oliveira Guimarães¹

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) | Macapá, Brasil
filipeoligui@gmail.com

Resumo: Nos primeiros séculos da Era Comum, foi ampla a utilização da literatura atribuída a Enoque entre os cristãos, principalmente o livro de *I Enoque*, mas também, de forma mais discreta, os escritos de *II Enoque* e *III Enoque* (este o que menos exerceu influência). O posicionamento oficial, no cristianismo ocidental, que descredenciou essa tradição como literatura útil à religião cristã, deu-se no Concílio de Laodiceia (século VI) ao estabelecer que os únicos nomes de anjos reconhecidos como sagrados seriam Miguel, Gabriel e Rafael, afastando *I Enoque* (que cita vários nomes de anjos) do cenário exegético cristão ocidental por séculos. Entre os judeus, a literatura foi bastante influente até o Concílio de Jâmnia, final do século I, que considerou como sagrados para a religião os textos produzidos nos limites da Terra Santa, em língua hebraica, marginalizando *I Enoque* redigido originalmente em aramaico. Porém, o mesmo não aconteceu em algumas regiões do Oriente onde o Cristianismo continuou a utilizar-se do escrito. Partindo do prisma de que o Islamismo é uma religião monoteísta cujo nascedouro produziu intercâmbios intensos com literaturas judaico-cristãs, o artigo aponta para uma plausível influência do livro de *I Enoque* na construção da apocalíptica islâmica tomando como base comparativa o livro *La Escala de Mahoma*. O artigo é de natureza bibliográfica e está estruturado sobre o método comparativo, objetivando apresentar confluências narratológicas entre os escritos.

Palavra-chave: *I Enoque*. *II Enoque*. *III Enoque*. *La Escala de Mahoma*.

Abstract: It is attested, historically, that in the first centuries of the Common Era, Enochian literature was widely used among Christians, mainly the book of *I Enoch*, but also, in a more discreet way, the writings of *II Enoch* and *III Enoch* (this the least exercised influence). The official position in Western Christianity, which decoded *I Enoch's* writing from the list of useful literature to Christian religiosity, was given at the Council of Laodicea (4th century) which stated that the only names of angels recognized as sacred would be that of Michael, Gabriel and Raphael, removing *I Enoque* (who quotes several names of angels) from the West Christian exegetical

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pesquisador PNPd/CAPES vinculado ao PPGMDR da Universidade Federal do Amapá



scenario for centuries. Among the Jews literature was quite influential until the end of the first century Council of Jamnia, which considered only as sacred writings for religion those produced on the borders of the Holy Land in the Hebrew language, marginalizing *I Enoque* originally written in Aramaic. However, the same did not happen in some regions of the East where Christianity continued to use the book of *I Enoque*. Starting from the prism that Islam is a monotheistic religion that in its birth exchanged intensely with Judeo-Christian literatures, the article points to a plausible influence of the book of *I Enoque* in the construction of the Islamic apocalyptic taking as comparative basis the book *The Scale of Mohammed*. The article is bibliographic in nature and is structured on the comparative method, aiming to present narratological confluences between the writings.

Keywords: I Enoch. II Enoch. III Enoch. La Escala de Mahoma.

Introdução

I Enoque é uma das literaturas mais fascinantes redigida na época do Segundo Templo Judaico. Esse fascínio reside na constatação de que este escrito é uma chave capaz de abrir portas para a compreensão de escritos canônicos judaico-cristão, o que também significa compreensão das crenças presentes na cultura relacionadas ao Antigo Testamento e outras ao Novo Testamento (NT). Ele é uma espécie de pedra literária que os teólogos cristãos ocidentais posteriores a Agostinho rejeitaram, e que veio a ser a principal pedra angular para compreensão de algumas crenças relevantes que marcaram o judaísmo e o cristianismo primitivo.

Até o século IV d.C era comum, entre os cristãos, a leitura do livro de *I Enoque*.² O embrião da rejeição começou no século II, com Júlio Africano, e atingiu o seu auge no século IV com Agostinho de Hipona. Porém, o posicionamento oficial, no cristianismo institucionalizado, que descredenciou o escrito como literatura útil à fé, deu-se no Concílio de Laodiceia (século IV) ao estabelecer que os únicos nomes de anjos autorizados pelas Escrituras seriam o de Miguel, Gabriel e Rafael, afastando *I Enoque* (que cita vários nomes de anjos) do cenário teológico, até épocas recentes no Ocidente. Entre os judeus a literatura foi bastante influente até o Concílio de Jâmnia, final do século I, que considerou como sagrados para a religião os textos produzidos nos limites da Terra Santa, em língua hebraica, marginalizando *I Enoque* redigido originalmente em aramaico.

Os grupos católicos, mas principalmente os protestantes, foram bastante eficazes em evitar obras semelhantes aos livros de Enoque ao desenvolverem *slogans* que rebaixassem literaturas produzidas no Período Interbíblico.³ Teólogos falaram daquela época como “o período dos 400 anos do silêncio divino” ou “400 anos do silêncio

² Texto categorizado como pseudoepígrafo na moderna ciência literária.

³ O período de 400 anos anteriores à era cristã.



profético”. Estas frases tinham a intenção de desviar o olhar exegético das obras não canônicas para que o labor dos teólogos se concentrasse nos parâmetros *sacros* oficializado.

Porém, desde o século XVIII, quando o Ocidente voltou a ter contato com o *Livro de Enoque*, um processo investigativo exegético de literaturas produzidas na época do Segundo Templo passou a fazer parte dos anseios da comunidade científica interessada em conhecer o cristianismo primitivo, bem como o judaísmo desenvolvido naquele período.

J. B. Migne, R. Laurence e R. H. Charles foram basilares na investigação de *I Enoque*, principalmente nos séculos XIX e XX, revelando a importância desse escrito para a investigação da religiosidade judaico-cristã. Com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em meados do século XX, o interesse pela literatura ampliou-se, após a constatação arqueológica de que este, realmente, era um escrito anterior à era cristã, ao ponto de que hoje grandes estudiosos consideram *I Enoch* a mais importante obra literária produzida na época do Segundo Templo. Estamos convencidos de que todos os interessados em conhecer o cristianismo em seus primórdios e entender melhor suas crenças iniciais ou mesmo o judaísmo daquele período, deveriam interessar-se por *I Enoque*.

Os livros *II Enoque* e *III Enoque*, por sua vez, ajudam confirmar a importância da narrativa enoqueana, em alguns ciclos judaico-cristãos, durante o medievo. Estes escritos não são uma tradução de *I Enoque*, mas uma nova versão que preserva o eixo narratológico originário em *I Enoque*.

Após contato com a literatura medieval islâmica, mais especificamente com o livro *La Escala de Mahoma*, percebemos que a literatura enoqueana teve um alcance longo na história saltando do âmbito judaico-cristão e adentrando ao cenário literário apocalíptico islâmico, como indica o referido escrito.

1 Os livros de *I, II e III Enoque*: contexto histórico e literário

Registros dos séculos XIX e XX, anteriores à descoberta dos manuscritos de Qumran, revelam a percepção de especialistas, a exemplo de Richard Laurence, acerca da importância do livro de *I Enoque*:

Não iremos questionar aqui o fato de que o autor foi sem inspiração; mas, apesar de sua produção como apócrifo⁴ [...], contém muita verdade moral, bem como religiosa; e pode ser justamente considerado como um padrão correto da doutrina da época em que foi composto.⁵

⁴ Nota-se que, naquela época (1833), a distinção entre apócrifo e pseudoepígrafo não estava ainda clara na academia, por isso *I Enoque* era chamado de apócrifo.

⁵ LAURENCE, Richard. *The Book of Enoch the Prophet*. Oxford: JH Parker, 1821. p. xlvi.



No ano de 1858, Migne afirmou que “*I Enoque* é um dos mais célebres livros apócrifos”.⁶ Para R. H. Charles, “a influência que *I Enoque* possui na redação do Novo Testamento é bem maior do que a de todos os outros livros apócrifos e pseudoepígrafos tomados em conjunto”.⁷ O mesmo também afirmou que “o livro de Enoque é para a história do desenvolvimento teológico o mais importante escrito desenvolvido nos dois séculos antes de Cristo”.⁸

Esperava-se que, com a disponibilização de partes do texto aramaico de Qumran em 1950, os especialistas no estudo do Segundo Templo e origens cristãs daquele período se tornassem mais estimulados no estudo da obra, porém grande parte não deu a atenção devida ao escrito. Só recentemente o estudo de *I Enoque* começou a ganhar notoriedade e abrangência na academia.

Nas últimas décadas, a maioria dos estudiosos têm se mostrado dispostos a afirmar que os *Livros de Enoque*⁹ são os mais importantes documentos redigidos durante o período do Segundo Templo. Sachi é partidário de que “com os *Jubileus* e os *Testamentos dos Doze Patriarcas* [...] o *Livro de Enoque* compõe uma ótima trilogia para o conhecimento do mundo judaico anterior ao cristianismo”.¹⁰

O interesse em estudar os *Livros de Enoque* tem crescido não só entre os teólogos cristãos, mas também entre os teólogos judeus. Essa realidade tem unido estudiosos das duas religiões que, juntos, têm aprofundado o conhecimento dessa coletânea que está se destacando no cenário acadêmico como uma relevante fonte de informações para o entendimento do período do Segundo Templo:

Enquanto apenas alguns judeus foram dedicados, anteriormente, ao estudo dos chamados Pseudoepígrafos, agora muitos estudiosos judeus estão ativos, principalmente, nesta área de pesquisa. Este espaço permitirá mencionar apenas um número seletivo, como: Alan Segal, Michael Stone, Devorah Dimant, Albert Baumgarten, etc.¹¹

Black, comparando o livro de *I Enoque* e o de *Daniel* afirma:

⁶ MIGNE J. B. *Dictionnaire des apocryphes or collection de tous les livres apocryphes*. Paris: [s. n.], 1858. p. xi. v. 2.

⁷ CHARLES R. H. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Oxford: Clarendon Press, 1912.

⁸ CHARLES R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913. p. 2.163. v. 2.

⁹ Expressão que se refere apenas a *I Enoque*.

¹⁰ SACCHI, P. *Apocriphi dell'Antico testamento*. Turin: Unione Tipografico-Editrice, 1981. p. 423.

¹¹ CHARLESWORTH, J. H. citado por BOCCACCINI, G. *Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2005. p. 441.



Certamente, se *Daniel* pode ser considerado um clássico da apocalíptica judaica, *I Enoque* não fica muito atrás, e pode até ter igual direito ao status de clássico na literatura intertestamental; principalmente se assumirmos que as chamadas Parábolas de Enoch precedem os Evangelhos como um notável pano de fundo para os evangelhos.¹²

Charlesworth entende que os *Livros de Enoque*, possuem um peso maior do que o livro canônico de *Daniel*:

Em minha opinião os livros de *Enoch*, de certa forma, parecem ainda mais importantes do que *Daniel*. Este texto canônico é certamente extremamente importante, mas é basicamente um texto anônimo, composto e dividido em duas seções mal relacionadas (com seções contendo misturas de hebraico e aramaico) [...]. O mais provável, em minha opinião, é que eles (*Livros de Enoque*) são a mais importante coleção de documentos criativos produzidos no Período do Segundo Templo do Judaísmo. Existe uma coesão nesta coleção de pensamentos complexos, desenvolvimento de tradições anteriores, que a distinguem de todas as outras composições da época. O corpus é importante porque é cheio de ideias e reflexões brilhantes. É um dos principais apocalipses já escritos.¹³

Segundo Nickelsburg, “1 Enoque é [...] sem dúvida o texto mais importante no corpus da literatura judaica nos períodos helenístico e romano”.¹⁴ Ocorre que a tradição enoquita tem se apresentado como uma fonte de inestimável valor para compreensão do cenário literário judaico-cristão do cristianismo primitivo.¹⁵

O eclético Seminário de Enoch tem demonstrado que a presença dos livros de Enoque encontrados próximo ao Mar Morto, nos ajuda a entender as origens e o desenvolvimento da comunidade de Qumran. Porém, ainda não está claro quão significativo e influente foram os grupos judaicos que tinham em estima os *Livros de Enoque*.

Diferente do que acontece em relação à comunidade de Qumran, cuja localização topográfica é conhecida e informações do estilo de vida da comunidade e de sua teologia nos são acessíveis, em relação à existência do “judaísmo enoquita”, se é que houve algum, ainda permanece uma incógnita. Não conhecemos nada relacionado aos grupos de Enoque. Ou seja, não temos nenhuma definição clara do estilo desses judeus, localização geográfica e sua influência no judaísmo antigo.

¹² BLACK, M. *The Book of Enoch of I Enoch*. SVTP7. Leiden: Brill, 1985. p. 1.

¹³ CHARLESWORTH citado por BOCCACCINI, 2005. p. 440-441.

¹⁴ NICKLSBURG, G. W. E.; VANDERKAM, J. C. *1 Enoch: a New Translation*. Minneapolis: Fortress, 2004. p. 1.

¹⁵ UHLIG, S. *Das äthiopisch Henochbuch*. JSHRZ 5.6. Gütersloh: Gerd Mohn, Gütersloher Verlagshaus, 1984. p. 547.



Entre todas as 11 cavernas de Qumran a principal para a nossa pesquisa é a caverna quatro. Nela foram encontrados cerca de 15.000 fragmentos de manuscritos, que, na verdade, são restos de 530 manuscritos diferentes. Lá foram encontrados mais de 140 fragmentos de *I Enoque*, sendo que 138 foram identificados e estudados por Milik¹⁶, que representam 11 manuscritos enoquitas. Ou seja, dos 530 manuscritos que existiam ali pelo menos 11 eram de *I Enoque*.

Milik acreditava que o escrito era um agrupamento de cinco livros diferentes, a saber: Livro dos Vigilantes (Cap. 1-36), Livro das Parábolas (Cap. 37-71), Livro Astronômico (Cap. 72-82), Livro dos Sonhos (Cap. 83-90) e Epístola de Enoque (Cap. 91-108).¹⁷ Ele identificou fragmentos de cada um deles, exceto do Livro das Parábolas.¹⁸

A publicação do volume *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4*, por Milik, em 1976, foi de inestimável valor. O escrito contém não só uma edição dos fragmentos aramaicos e um comentário textual detalhado, mas também uma longa introdução na qual estabelece seus pontos de vista sobre a gênese do *Livro de Enoque*. Esse livro tem sido extremamente influente, embora também tenha sido alvo de críticas consideráveis, pelo fato de Milik não ter encontrado, ou identificado, nenhum fragmento do *Livro das Parábolas* em Qumran. Para ele tal escrito é um trabalho cristão datado do final do séc. III.¹⁹ Independente desse posicionamento, que não reflete o que as pesquisas modernas dizem sobre o *Livro das Parábolas*, esta obra singular desencadeou um crescente interesse acadêmico no estudo de *I Enoque*.

O *Livro das Parábolas* é de grande interesse acadêmico porque contém tradições sobre o Filho do Homem. Mesmo não sendo achado nada relacionado a ele em Qumran, a maioria dos eruditos entende que o escrito é judaico, pré-cristão e provavelmente escrito originalmente em aramaico ou em hebraico (esta tem sido a tendência no Enoch

¹⁶ No ano 2000, Stuckenbruck, Tigchelaar e Garcia publicaram no *DJD número 36*, intitulado Qumran Cave 4. XXVI. Cryptic Texts and Miscellanea, part 1, que contém comentários sobre fragmentos encontrados em Qumran, não publicados por Milik, principalmente fragmentos que falam de um calendário das fases da lua e do sol pertencente ao *Livro Astronômico*.

¹⁷ Esta é considerada a divisão mais tradicional do livro na atualidade, porém não a única.

¹⁸ Fragmentos aramaicos de um trabalho relacionado, o livro enoquita dos *Gigantes*, também foram encontrados entre os rolos, porém, ele não é considerado pela maioria dos estudiosos um livro pertencente ao livro original de *I Enoque*, mas uma composição distinta dele derivada. Para maiores detalhes ver: STUCKENBRUCK, L. T. *The Book of Giants from Qumran*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997.

¹⁹ KNIBB, 2008, p. 10.



Seminar) no século I a.C. Porém, como não foram achados fragmentos em Qumran, não é possível ser preciso em relação à sua origem.²⁰

Baseado nos fragmentos descobertos na gruta qumramita, hoje, os pesquisadores são unânimes em defender que o livro foi escrito originalmente em aramaico, ou pelo menos a maior parte dele.²¹ Antes de Qumran, a posição era que os livros tinham sido escritos originalmente em grego. Após os achados qumramicos ficou claro que o grego era uma tradução do aramaico.

Os fragmentos em aramaico, que equivalem a 2 ou 3% da obra,²² são as evidências mais antigas de I Enoque. Segundo Milik as mais antigas partes (ou livros) presentes em *I Enoque* são: o *Livro dos Vigilantes* e o *Livro Astronômico*, ambos pertencentes ao período pré-macabaico.²³ A paleografia datou os fragmentos do *Livro dos Vigilantes* e do *Livro dos Sonhos* como sendo os mais antigos, redigidos no final do século III a.C. Os fragmentos do *Livro da Epístola* foram datados no período pré-Macabeu, por volta do início do século II a.C. Por fim, os fragmentos do *Livro dos Sonhos* foram datados no período Macabeu, por volta do ano 165 a.C.²⁴

Como expomos, Milik identificou fragmentos pertencentes a 11 manuscritos, o que prova a autoridade que o livro (ou os livros) tinha em círculos judaicos.²⁵ Os manuscritos são identificados pelas seguintes siglas: En^a; En^b; En^c; En^d; En^e; En^f; En^g; Enastr^a; Enastr^b; Enastr^c; Enastr^d. Todos eles foram escritos em aramaico e é o material mais antigo que possuímos acerca de *I Enoque*.²⁶

Pontuamos que a obra não era pertencente exclusivamente à comunidade de Qumran, não era um material sectário. Em vários estágios, no período do Segundo Templo, o escrito gozava de um *status* de autoridade, de influência, entre as comunidades

²⁰ NICKELSBURG, G. W. E. *Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah*. Minneapolis: Fortress Press, 2005. p. 254, 256. Ver, também: KNIBB, M. A. The Date of the Parables of Enoch: A Critical Review. *New Testament Studies*, v. 25, p. 345-59, 1979.

²¹ KNIBB, M. A. *The Ethiopic Book of Enoch*. A New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments. v. 1: Text and Apparatus; v. 2: Introduction, Translation and Commentary. Oxford: Clarendon Press, 1978. p. 6-15.

²² A informação nos foi transmitida pelo Prof. Vanderkam em entrevista na Universidade de Notre Dame, gravada em 27/05/2014.

²³ REED, A. Y. *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity*. The Reception of Enochic Literature. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 3.

²⁴ VANDERKAM, J. C. *Enoch: A Man for All Generations*. Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press, 1995. p. 17-18, 25-26, 63, 83-84, 89.

²⁵ MARTÍNEZ, F. G.; TIGCHELAAR, E. J. C. *The Dead Sea Scrolls Study Edition*. v. 1. Leiden- New York: Brill, 1997. p. 398-445.

²⁶ Em 2013, em viagem financiada pela FAPESP, tivemos a oportunidade de examinar estes fragmentos que se encontram em um laboratório anexado ao Israel Museum.



judaicas. A evidência que comprova este argumento provém da presença do conteúdo de *I Enoque* em outros escritos, como, por exemplo, os *Jubileus*, cujo autor estava familiarizado com grande parte do livro, bem como o fato de que *I Enoque* gerou outros escritos, a exemplo, do *livro dos Gigantes* e o *livro Eslavo de Enoque*²⁷ (*II Enoque*).

O período que vai do início do segundo século a.C. até o fim do segundo d.C. é considerado o período áureo da apocalíptica nos círculos judaicos. É nesse momento que diversas obras e trechos apocalípticos são escritos, a maioria extrabíblico. Vários desses trechos foram vinculados a grupos separatistas como, por exemplo, a comunidade puritana de Qumran.²⁸

Segundo Dockery,²⁹ em linhas gerais, pode-se afirmar que a apocalíptica floresceu em épocas de dominação estrangeira. Ele defende, por exemplo, que a Era dos Macabeus e da perseguição aos cristãos pelo Império Romano serviu de contexto histórico para o seu desenvolvimento. Logo após a segunda revolta judaica contra Roma em 135 d.C., a apocalíptica entra em declínio e acaba desaparecendo depois do quarto século.

Apesar de possuírem diferenças significativas, há várias características literárias comuns aos textos apocalípticos. Também, verifica-se certo padrão, relativamente uniforme, no que tange ao pensamento teológico. Uma das principais características é que todas as obras apocalípticas judaico-cristãs afirmam serem escritas por personagens bíblicos importantes. Outra característica é que esses textos são repletos de visões e simbolismos. É comum encontrarmos revelações, sonhos, visões, previsões do futuro, narrativa ou interpretações de anjos. Os escritores apocalípticos, escrevendo sobre o futuro, não se referiram ao mesmo de uma maneira vaga, mas o descreveram dentro de um contexto teológico, apontando para a vinda do Messias, que iria irromper na história e libertar o seu povo da opressão vivida neste mundo, concedendo-lhes justiça e felicidade eterna.

Nesse tipo de escrito é natural a presença de descrições de cenas dualísticas: Deus contra Satanás, céu e inferno, justos e ímpios, anjos e demônios. Outras fortes marcas presentes na apocalíptica são: descrições de guerras espirituais, ênfase no caráter soberano, justo e amoroso de Deus sobre a história, incentivo a uma vida consagrada, exortação à perseverança na fidelidade a Deus frente a grandes desafios e a apresentação do tempo do fim como uma época de muito sofrimento. Também se percebe que a história é apresentada, deterministicamente, seguindo em direção ao triunfo final de Deus.³⁰

²⁷ ANDERSEN, F. I. citado por CHARLESWORTH, J. H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Garden City, New York: Doubleday, 1983. p. 91-221. v. 1.

²⁸ ANDERSEN citado por CHARLESWORTH, 1983, p. 834.

²⁹ KVANVIG, 2004, p. 835.

³⁰ KVANVIG, 2004, p. 835.



É justamente por essas características que a maioria dos estudiosos prefere situar *I Enoque* na categoria de literatura apocalíptica, apesar de partes do livro terem sido escritas em uma época anterior ao próprio período apocalíptico, contendo tradições mais antigas do que esta fase.

I Enoque contém visões, expectativa messiânica, julgamento e recompensas divinas. Uma breve leitura de alguns de seus capítulos nos mostra essa ênfase. Nele encontramos cenas proféticas referentes ao fim, inauguração de uma nova ordem celeste em que tudo se fará novo e promessa de paz após Deus exercer seu juízo. Contudo, ele não possui exclusivamente elementos do gênero literário apocalíptico.

Na primeira década do século XXI surgiu uma nova opção de gênero literário para categorizar *I Enoque*. Segundo o próprio escrito, o personagem Enoque é apresentado como um escriba e sábio. Em I En 12:4, Enoque é chamado de "escriba da justiça" e em I En 15:1 de "escriba da verdade". No texto aramaico de I En 92:1, ele é chamado de "o mais sábio dos homens",³¹ bem como passagens descrevem os ensinamentos de Enoque como uma "fonte de sabedoria" (I En 37:1-4; 82: 3).

Não desmerecendo os elementos apocalípticos do escrito, existem estudiosos que defendem uma conexão com o gênero de sabedoria. Para Von Rad, por exemplo, o gênero apocalíptico tem suas raízes na sabedoria mântica (que faz uso da adivinhação).³² Embora não tenhamos a percepção de Rad, ela é importante para argumentarmos que classificar *I Enoque* apenas como uma literatura exclusivamente apocalíptica está fora de questão para vários acadêmicos. Segundo Knibb:

A partir de uma perspectiva completamente diferente um número de estudiosos nos últimos anos tem tentado responder à pergunta sobre a relação de *Enoque* e o gênero de sabedoria, utilizando métodos comparativos com o livro de *Eclesiástico*, *Sabedoria de Ben Sira*.³³

A publicação dos textos sapienciais encontrados na gruta IV de Qumran (mesma caverna onde foram encontrados os manuscritos aramaicos de *I Enoque*) tem dado uma nova luz sobre a questão da relação entre *Enoque* e a tradição da sabedoria. Dois desses textos, *4QMysteries* e *4QInstruction*,³⁴ os quais sobrevivem apenas de forma fragmentada, são de particular importância por causa de suas ênfases com os temas de natureza escatológica. Nesses textos a sabedoria aparece como sendo uma revelação

³¹ KNIBB, 2008, p. 12.

³² RAD, G. *Theologie des Alten Testaments: Theologie der prophetischen Überlieferungen Israels*. München: Kaiser Verlag, 1960. p. 316-338.

³³ KNIBB, 2008, p. 14.

³⁴ Para maiores instruções sobre esta temática ler STRUGNELL, J.; HARRINGTON, D.; ELVIN, T. *Qumran Cave 4 XXIV. Sapiential Texts, Part 2, DJD 34*, Oxford: Clarendon Press, 1999.



divina, e não o resultado da observação ou experiência como ocorre na sabedoria tradicional, a exemplo do livro de Provérbios.

*4QMysteries*³⁵ é um texto didático e contém muitos conselhos práticos para os jovens sobre temas, tais como: administração financeira, respeito aos pais e casamento. Mas, todo o texto é precedido por uma declaração que descreve Deus ordenando o cosmos, bem como aborda a temática do julgamento da maldade e da recompensa dos fiéis.³⁶

Em *4QIntruction* e *4QMysteries* não existem relatos de visões ou viagens celestiais, como acontece em *I Enoque*, porém, à semelhança de *I Enoque*, aborda a temática do julgamento, tema central na literatura enoquite. Este aspecto torna *4QIntruction* e *4QMysteries* fundamentais para compreendermos a relação das tradições enoqueana e a sabedoria, posto que eles revelem que escritos de sabedoria podem conter temas relacionados à escatologia, ou seja, temas apocalípticos. Tal relação tem levado vários estudiosos, na atualidade, a posicionarem *I Enoque* na categoria de "sabedoria revelada".³⁷

Entendemos que ambos os gêneros, "apocalíptica" e "sabedoria revelada," são importantes, apesar de *I Enoque* possuir mais elementos apocalípticos. Porém posicionar *I Enoque* em apenas uma das duas é incorrer no erro de um reducionismo desnecessário, uma vez que os dois gêneros excluem elementos de *I Enoque*. Assim, buscando uma percepção mais ampla para o escrito, entendemos que ele poderia ser o expoente de uma nova categoria que sugerimos ser chamada de "apocalíptica de sabedoria", sobretudo quando entendemos que o escrito não resulta, em sua totalidade, da era apocalíptica.

Apesar de verificarmos o distanciamento da influência da narrativa enoqueana do cenário teológico cristão ocidental a partir do IV, o mesmo não aconteceu no oriente sobretudo na Etiópia que neste mesmo séculos teve seu acervo literário ampliado por cópia de escritos judaico-cristão, incluindo o livro de *I Enoque* que é considerado um livro autoritativo, de natureza canônica, para a *Ethiopian Orthodox Tewahedo Church* (EOTC).³⁸

O *Livro de Enoque*, diferentemente do que ocorreu entre outros seguimentos cristãos posteriores a Laodiceia, permaneceu como escrito relevante para o ensino dos cristãos etíopes. Isso se deu porque de forma oposta à Igreja Católica do Ocidente e do Oriente, que discutiram sobre a importância do escrito enoquite e seu lugar no cânone, culminando com a sua rejeição, debate semelhante não aconteceu na Igreja Etíope que

³⁵ SCHIFFMAN, L. *Mysteries*. In: ELGVIN, T. *Qumran Cave 4. XV. Sapiential Texts, Part I*. DJD 20. Oxford: Clarendon Press, 1997. p. 31-123.

³⁶ COLLINS, J. J. *Jewish Wisdom in the Hellenistic Age*. Edinburgh: T.&T. Clark, 1998. p. 8.

³⁷ KNIBB, 2008, p. 17.

³⁸ Igreja Etíope Ortodoxa Unificada.



continuou a ter estima por *I Enoque*,³⁹ fato que fez com que o livro atravessasse o medievo influenciando, principalmente, os cristãos etíopes.

A primeira notícia da existência da versão etíope chegou à Europa no século XVII através de um relatório enviado pelo estudioso Nicholas Peiresc.⁴⁰ Porém, o escrito etíope de Enoque só foi conhecido na Europa em 1773, ocasião em que o viajante James Bruce voltou da Etiópia trazendo três manuscritos. Um foi doado para a Biblioteca Bodleian,⁴¹ e com base nele Richard Laurence,⁴² Regius (professor de hebraico em Oxford) e o arcebispo de Cashel, publicaram uma tradução do livro em 1822. Em 1838, Laurence publicou uma nova edição baseada no mesmo manuscrito chamada *Libri Enoch Versio Aethiopica*.⁴³

A pesquisa sobre *I Enoque* atinge seu ápice na Inglaterra no início do século XX, com a publicação de uma edição do texto etíope de Enoque, realizada por R. H. Charles. A obra dispõe de comparações com o texto grego, bem como tradução e comentário do texto etíope. O material foi reeditado por Charles em 1913, e o resultado foram dois grandes volumes intitulados *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*.⁴⁴ Na década de 1970, uma nova edição do texto etíope, intitulado *The Ethiopic Book of Enoch*, foi publicada por M. A. Knibb.⁴⁵

O conteúdo enoqueano narra visões, apresenta o personagem Enoque conhecendo vários lugares do além, se comunicando com seres angelicais, conversando com Deus, crise angelical despertada por sua lascívia, sua reunião com a finalidade de abrirem mão do seu estado original para se relacionarem com as mulheres, o nascimento de uma nova raça fruto da relação sexual entre anjos e mulheres, raça esta de gigantes oriunda deste relacionamento denominada Nephilins, bem como da ira de Deus que culmina com a punição da raça humana através de um dilúvio e de outras formas de juízo para criaturas celestes.

No que tange ao *II Livro de Enoque (II En)*, cujo gênero também é identificado como apocalíptico, foi, provavelmente, escrito no século I d.C. As principais teorias

³⁹ COWLEY, 1974, p. 318-323.

⁴⁰ FLEMMING, J.; RADERMACHER, L. *Das Buch Henoch*. Leipzig: Hinrichs, 1902. p. 2.

⁴¹ KNIBB, 2008, p. 17.

⁴² A tradução deles se chama *The book of Enoch the Prophet* e foi publicada em Oxford (LAURENCE, 1821).

⁴³ LAURENCE, R. *Libri Enoch Versio Aethiopica*. Oxford: JH Parker, 1838.

⁴⁴ Seus principais escritos foram: *The Book of Enoch*. Oxford, 1893; *The Ethiopic Version of the Book of Enoch*. Oxford, 1906; *The Book of Enoch*. Oxford, 1912. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*. Oxford, 1913.

⁴⁵ Para mais informações sobre o livro de *I Enoque*, ver minha tese de doutorado intitulada: *Enoque um livro profético para o Cristo*.



defendem que esta é uma versão originária a partir da tradução grega de *I Enoque*⁴⁶ feita por um grupo sectário de judeus.⁴⁷ Esse livro foi descoberto e publicado no final do século XIX.

O escrito sobreviveu em mais de vinte manuscritos e fragmentos eslavos datados entre os séculos XIV e XVIII da era cristã. Um dos principais pesquisadores do livro foi N. Schmidt que, em 1921, publicou o artigo "The Two Recension of Slavonic Enoch" em uma revista norte-americana especializada em estudos orientais.⁴⁸ Essa é uma obra que difere de *I Enoque*, porém importante para respaldar o quanto tradições ligadas a Enoque faziam parte do contexto judaico cristão do primeiro século.

II En está organizado em quatro seções, a saber:

1ª seção (capítulos 1-21): Diz que Enoque, com a idade de 365 anos, é levado por dois anjos para conhecer sete distintos céus. O primeiro céu é descrito como o lugar onde os anjos controlam fenômenos atmosféricos. No segundo céu, ele encontra a prisão para os anjos rebeldes. No terceiro céu encontram-se um paraíso e um inferno para os homens. O quarto céu é o lugar dos movimentos do Sol e da Lua. No quinto céu, Enoque encontra gigantes em um estado de aflição. No sexto céu, ele encontra os anjos encarregados de governar o cosmos e os povos. O sétimo céu é o lugar da habitação de Deus.

2ª seção (capítulos 22-37): Nesse momento, Enoque, agora guiado por Gabriel, tem a permissão de entrar no sétimo céu. Lá ele vê o Senhor face a face. Após ser ungido por um anjo sua aparência se torna similar à dos anjos. Deus testa a obediência dos anjos mandando-os curvar-se diante de Enoque. Um grupo de anjos recusa obedecer à ordem divina. Este grupo é então identificado como sendo seguidores de Satanail. Eles, então, são presos e, como uma espécie de punição, eventualmente, curvam-se diante Enoque dirigindo-se a ele como "um homem de Deus". Deus pede para um anjo chamado Vereviel ditar 360 livros para Enoque, contendo tudo o que é cognoscível. Mais tarde, o próprio Deus revela para Enoque os segredos da criação até o dilúvio, que eram desconhecidos até mesmo para os anjos. Enoque é finalmente enviado de volta à Terra por 30 dias.

3ª seção (capítulos 38-68): Aqui é apresentada uma lista de instruções, de caráter doutrinário e ético, dadas por Enoque aos seus filhos. O principal ensinamento é que se deve amar todos os seres vivos. Enoque também ensina a inutilidade das intercessões. No final dos 30 dias ele é levado para o céu para sempre.

⁴⁶ ANDERSEN citado por CHARLESWORTH, 1983, p. 94.

⁴⁷ Alguns poucos estudiosos consideram esta como sendo uma obra cristã escrita em um período mais tardio da história.

⁴⁸ SCHMIDT, N. The Two Recensions of Slavonic Enoch. *Journal of the American Oriental Society*, v. 41, p. 307, 1921.



4ª seção (capítulos 69-73): Nesse trecho, apresenta-se a sucessão sacerdotal de Enoque. O filho de Enoque, Metusalém, é solicitado pelo povo para agir como sacerdote, mas é uma solução vista como temporária. Também provisório é o sacerdócio de Nir, neto de Metusalém. Depois, é narrado o nascimento milagroso de Melquisede e seu novo sacerdócio. Alguns manuscritos terminam com uma breve narrativa do dilúvio.

III Enoque (III En), por sua vez, segundo principais fontes teóricas, foi escrito pelo Rabbi Ishmael, que aparece na primeira seção do livro como alguém que teve visões. De acordo com esta teoria o livro, que contém 48 capítulos, teria sido escrito no século II d.C, porém para H. Odeberg, que escreveu o livro *The Hebrew Book of Enoch*,⁴⁹ a redação do livro deve ser situada na metade do século III d.C. Foi escrito originalmente em hebraico, mas contém algumas palavras em grego e em latim.

Semelhante ao *Livro de II Enoque*, *III Enoque* é um escrito distinto de *I Enoque*, não sendo uma tradução. Contudo, existem indicações de que seu autor conhecia o *Livro de I Enoque*. Algumas semelhanças encontradas:

- 1ª Enoque ascende aos céus (III En 6:1);
- 2ª Enoque é entronizado no céu (III En 10:1-3);
- 3ª Enoque recebe a revelação dos segredos cosmológicos da criação (III En 13:1-2);
- 4ª O livro fala de metais preciosos (III En 5:7-14);
- 5ª Um dos anjos rebeldes chama-se Azazel (III En 4:6).

Segundo proposto por Odeberg,⁵⁰ o livro pode ser dividido em pelo menos sete partes, a saber:

- 1ª Introdução (Cap. 1 e 2);
- 2ª Enoque – Metatron (Cap. 3-16);
- 3ª Seção de Angelologia (Cap. 17-28:6);
- 4ª Seção do Julgamento (Cap. 18:7 – 33:2);
- 5ª O Celestial (Cap. 34-40);
- 6ª Metatron mostra a Rabi Ishmael várias maravilhas dos céus (Cap. 41-47);
- 7ª Os nomes divinos (Cap. 48).

2 La Escala de Mahoma: Informações gerais

O livro *La Escala de Mahoma (A Escala de Maomé)* é um escrito que pode ser categorizado como apocalíptico, responsável em desenvolver crenças centrais no universo teológico escatológico islâmico, a saber: paraíso e inferno. O enredo do escrito tem como centro

⁴⁹ ODEBERG, H. *The Hebrew Book of Enoch*. Cambridge: University Press, 1928, p. 41.

⁵⁰ ODEBERG, 1928, p. 20.



a assunção de Maomé para uma dimensão extraplanetária onde conhece distintas formas do além.

Segundo Molins,⁵¹ especialista responsável em prefaciá-la a moderna tradução espanhola que Domingo fez a partir do Latim em 1996, o escrito autógrafa (inexistente na atualidade) data do século IX. A obra, que originalmente era uma coletânea de textos separados posteriormente agrupados, foi escrita em árabe e influenciou por gerações a cultura islâmica no período medieval. Porém, é no século XIII que o escrito vai ganhar maior notoriedade. Por ordem do rei Afonso X, *La Escala de Mahoma* foi traduzido para o espanhol, texto inexistente na atualidade, em 86 capítulos, pelo sábio Abraham (um judeu estudioso da física) e sequencialmente o mesmo Afonso X incumbiu o escriba Buenaventura de Siena de traduzir a partir do espanhol para o francês e latim.⁵²

O enredo do livro é uma ampliação do primeiro versículo da Sura da Viagem Noturna (*Alisrá'*), número XVII do Alcorão, que diz:

سبحان الذي أسرى بعبده ليلاً من المسجد الحرام إلى المسجد الأقصى الذي باركنا حوله لنريه من
آياتنا إنه هو السميع البصير

*Glorificado Quem sobrelevou à noite Seu servo da Mesquita Sagrada à Mesquita Mais-Distante cujo entorno abençoamos para o fazermos ver algo de Nossos Sinais Ele! é Ele o Sempre-Ouvinte Sempre-Vidente!*⁵³

⁵¹ LA ESCALA de Mahoma, p. 15.

⁵² Em latim, existem dois manuscritos. Um se encontra na Biblioteca Nacional de Paris e outro na Biblioteca do Vaticano. Em francês, existe um manuscrito que está na Bodleiana de Oxford. Tanto o texto em latim quanto o francês são os mais antigos e datam do século XIII.

⁵³ Tradução de Michel Sleiman. Nota do tradutor: No início desse versículo e dessa sura, tal qual se dá em outros versículos e suras do Alcorão, Deus fala de Si na terceira pessoa e, logo, na primeira, indistintamente. Trata-se de recurso da linguagem árabe antiga, que deixou marcas na linguagem atual dos arabófanos. “Sobrelevou à noite” para *asrâ bi*, forma IV de *sarâ*, com conotação de “levar alguém a transportar-se à noite pelas alturas”. Mesquita Sagrada é atribuída à Mesquita de Meca, e a Mais-Distante (*alaqsá*) se referiria, segundo os comentadores, ao espaço sagrado do Monte do Templo, em Jerusalém, onde mais tarde viria a ser construída a precisamente denominada Mesquita de Alaqsá (a mais distante). “Para o fazermos ver”: uma vez que Deus é o “Sempre-Vidente”, é Ele quem dá a ver aos que pedem a Ele, o “Sempre-Ouvinte”. “Ele! é Ele” para o enfático *innahu* “ele sim”, seguido pelo pronome *huwa* “ele”, que inicia a frase árabe nominal, sem verbo. A pontuação e outras marcas de edição, nas



Partindo desse relato do Alcorão, o texto *La Escala de Mahoma* apresenta o profeta fazendo uma viagem, montado com o anjo Gabriel em uma espécie híbrida de equino, para o Templo de Jerusalém. Ao sair do templo, uma escada o conduziria até o trono divino após passar por sete céus. Nesse percurso, ele se comunica com anjos e quando chega ao céu (ou céus) descreve cada um dos sete céus e os seres que neles habitam (Enoque aparece presidindo o quarto céu). No último estágio, Maomé tem um encontro com Deus e recebe dele uma ordenança que até hoje compõe um dos pilares da fé islâmica: orar cinco vezes por dia. Em seguida, ele retorna a Terra e começa a ensinar a necessidade de praticar os *salat* (as cinco orações públicas que os muçulmanos fazem por dia).

A narrativa segue descrevendo como é o local da presença de Deus, os anjos que o cercam, os sete paraísos, o papel das mulheres no paraíso, a entrega do Alcorão para Maomé, o inferno e suas punições, livro das ações da vida, o Diabo que se encontra acorrentado, julgamento final, terminando com a descida de Maomé para terra e narração para os fiéis em uma mesquita da sua viagem. Dentre outros tópicos, a narrativa amplia o entendimento do que é o Céu para o muçulmano – coloquialmente percebido apenas como um lugar reservado para as delícias sexuais – descrevendo o belo do estético celeste e esplendor divino.

Para os muçulmanos, essa narrativa é considerada uma *hadith* – uma história perfeita, considerada verdadeira, transcendente, concreta, sobre a vida do profeta Maomé que servem de exemplo para os fiéis – portanto, uma fonte de grande relevância didática que auxilia a interpretação corânica.

Entende-se que a origem dessa *hadith*, como tradição oral, está no século VII (época do nascedouro do Islã) e que chegou a Península Ibérica (conhecida também por Al-Andalus no século VIII) no século VIII. Essa tradição oral gerou diversos escritos muçulmanos como o *Libro de la descripción del Paraíso* (século IX), *Vida de Mahoma* (século IX) e *Collectio Toletana* (século XI).⁵⁴

Uma constatação relevante que aponta para a importância de dedicarmos atenção a este livro é que estudiosos, a exemplo de Asín Palacios (século XIX), consideraram a obra como um dos pilares responsáveis em gerar a obra *Divina Comédia de Dante*. Palacios escreveu sobre este assunto no livro *La escatología mulsumana en la Divina Comédia*.⁵⁵

traduções do Alcorão, são sempre acréscimos dos tradutores, já que o texto árabe carece de pontuação em todo o livro. O espaçamento na nossa tradução sugere uma pauta prosódica para o leitor. De modo similar, o recitador propõe uma quando da recitação.

⁵⁴ LA ESCALA de Mahoma, p. 12.

⁵⁵ PALACIOS, A. M. *La escatología en la Divina Comedia*. Madrid: Editorial Maestre, 1961.



Essa constatação nos faz perceber um elo, ainda que discreto, entre a tradição enoqueana e a *Divina Comédia*, nos levando a conjecturar sobre a possibilidade de considerarmos os livros de *I En*, *II En* e *III En*, obras ancestrais em que se acenta a narrativa além-mundo da *Divina Comédia*. Nesse caso, a *Divina Comédia* reintroduz no cristianismo medieval, a partir de perspectivas islâmicas, ou judaico-islâmicas, tradições apocalípticas enoqueanas.

Considerações finais

Após analisarmos as narrativas dos escritos de *I En*, *II En* e *III En*, comparativamente a *La Escala de Mahoma*, percebemos semelhanças nas estruturas das narrativas. O cenário e enredo que os livros enoqueanos e *Escala* apresentam possuem fortes conexões que legitimam nossos *insights*.

Alguns aspectos, a partir de uma perspectiva intertextual, destacamos:

- 1º As narrativas apresentam os personagens centrais visitando vários céus;
- 2º Os escritos apresentam visitas dos personagens centrais ao inferno;
- 3º As narrativas são detalhistas sobre a descrição do céu e do inferno;
- 4º Os personagens centrais nestes escritos (Enoque e Maomé) falam com anjos e com Deus;
- 5º Os personagens centrais visitam os céus e voltam a terra;
- 6º Os escritos falam de juízos escatológicos;
- 7º Nos textos encontramos a presença de vários anjos compondo a narrativa;
- 9º Os personagens centrais são apresentados como pessoas distintas;
- 10º Os personagens centrais recebem de Deus a responsabilidade de voltar a terra para compartilhar uma mensagem;
- 11º O personagem Enoque é citado no livro *La Escala de Mahoma*.
- 12º Tanto o livro de *II Enoque* como o livro *La Escala de Mahoma* apresentam sete céus (muito provavelmente a narrativa de *II Enoque* foi a responsável em exercer maior influência no livro *La Escala de Mahoma*).

O elevado número de semelhanças entre os escritos é um forte indício de que aponta para uma possível influência da narrativa enoqueana no desenvolvimento da apocalíptica islâmica. Ou seja, existem consideráveis evidências que *La Escala de Mahoma* foi redigido e ancorado, também, em tradições oriundas dos escritos enoqueanos. Muito provavelmente foi a Etiópia, local responsável em preservar a



tradição enoqueana, a plataforma para disseminação da narrativa enoquita entre os islâmicos.⁵⁶

Referências

- BLACK, M. *The Book of Enoch of I Enoch*. SVTP7. Leiden: Brill, 1985.
- BOCCACCINI, G. *Beyond the Essene Hypothesis*. Grand Rapids and Cambridge: Eerdmans, 1998.
- BOCCACCINI, G. *Enoch and Qumran origins: New Light on a Forgotten Connection*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2005.
- BOCCACCINI, G. *Gli Pseudepigrifi dell' Antico Testamento e Il Nuovo Testamento e Il Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia Editrice, 1990.
- BOCCACCINI, G. *Origins of Enochic Judaism: Proceedings of the First Enoch Seminar*, Turin: Silvio Zamorani Editore, 2002a.
- BOCCACCINI, G. *Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History from Ezekiel to Daniel*. Grand Rapids and Cambridge: Eerdmans, 2002b.
- CHARLES R. H. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Oxford: Clarendon Press, 1912.
- CHARLES R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913. 2 v.
- CHARLESWORTH, J. H. *Parables of Enoch: A Paradigm Shift*. London: Bloomsbury, 2013.
- CHARLESWORTH, J. H. *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*. Minneapolis, MN: Fortress, 1992.
- CHARLESWORTH, J. H. *The Pseudepigrapha and Modern Research with a Supplement*. SBLSCSS, 7S. Michigan: Scholars, 1981.
- CHARLESWORTH, J. H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Garden City, New York: Doubleday, 1983. v. 1.
- COLLINS, J. J. Introduction: the Morphology of a Genre. *Semeia*, v. 14. Missoula, MT, 1979.
- COLLINS, J. J. *Jewish Wisdom in the Hellenistic Age*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1998.
- COWLEY, R. W. *The biblical canon of The Ethiopian Orthodox Church today*. Ostkirchliche Studien, 1974.
- FLEMMING, J.; RADERMACHER, L. *Das Buch Henoch*. Leipzig: Hinrichs, 1902.

⁵⁶ Em 615, nos primórdios da religião islâmica, um grupo de mulçumanos foi aconselhado por Maomé a escapar da perseguição em Meca e viajar para a Etiópia.



- GUIMARÃES, F. O. *Enoque: um livro profético para o Cristo*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.
- KNIBB, M. A. *Essays on the Book of Enoch and Other Early Jewish Texts and Traditions* (Studia in Veteris Testamenti Pseudepigrapha). London: Brill Academic Pub, 2008.
- KNIBB, M. A. *The Ethiopic Book of Enoch*. A New Edition in the light of the Aramaic Dead Sea Fragments. v. 1: Text and Apparatus; v. 2: Introduction, Translation and Commentary. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- LA ESCALA DE MAHOMA. Tradução de José Luis Oliver Domingo. Espanha: Ediciones Siruela. 1996.
- LAURENCE, R. *Libri Enoch Versio Aethiopica*. Oxford: J. H. Parker, 1838.
- LAURENCE, R. *The Book of Enoch the Prophet*. Oxford: J. H. Parker, 1821.
- MARTÍNEZ, F. G.; TIGCHELAAR, E. J. C. *The Dead Sea Scrolls Study Edition*. Leiden-New York: Brill, 1997. v. 1.
- MARTÍNEZ, F. G.; TIGCHELAAR, E. J. C. *Dictionnaire des apocryphes or collection de tous les livres apocryphes*. Paris, 1858. v. 2.
- MARTÍNEZ, F. G.; TIGCHELAAR, E. J. C. *The Early Translation of the Bible into Ethiopic/Geez*. Addis Ababa: Berhanina Selam Printing Enterprise, 2008.
- MIGNE J. B. *Dictionnaire des apocryphes or collection de tous les livres apocryphes*. Paris, 1858. p. xi. v. 2.
- MILIK, J. T. *Books of Enoch*. Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford: University Press, 1976.
- MILIK, J. T. *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumrân Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- NICKELSBURG, G. W. E. *Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah*. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- NICKELSBURG, G. W. E.; VANDERKAM, J. C. *1 Enoch: a New Translation*. Minneapolis: Fortress, 2004.
- PALACIOS, A. M. *La escatologia en la Divina Comedia*. Madrid: Editorial Maestre, 1961.
- RAD, G. *Theologie des Alten Testaments: Theologie der prophetischen Überlieferungen Israels*. München: Kaiser Verlag, 1960. p. 316-338.
- SACCHI, P. *Apocrifi dell'Antico testamento*. Turin: Unione Tipografico-Editrice, 1981.
- SACCHI, P. *Jewish Apocalyptic and its History*. *JSP Sup 20*, Sheffield: Sheffield Academic, 1990.



SCHIFFMAN, L. *Mysteries*. In: ELGVIN, T. *Qumran Cave 4. XV. Sapiential Texts, Part I. DJD*, v. 20, Oxford: Clarendon Press, 1997.

STUCKENBRUCK, L.; TIGCHELAAR, E. J. C.; MARTÍNEZ, F. G. In: PFANN, S. J. *Qumran Cave 4. XXVI. Cryptic Texts and Miscellanea, Part 1. Discoveries in the Judaean Desert 36*. Oxford: Clarendon Press, 2000.

UHLIG, S. *Das äthiopisch Henochbuch*, JSRZ 5.6. Gütersloh: Gerd Mohn, Gütersloher Verlagshaus, 1984.

VANDERKAM, J. C. *An Introduction to Early Judaism*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001.

VANDERKAM, J. C. *Enoch and the Growth of an Apocalyptic Tradition*. CBQMS 16, Washington, D. C.: Catholic Biblical Association of America, 1984.

VANDERKAM, J. C. *Enoch: A Man for All Generations*. Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press, 1995.

Recebido em: 23/09/2020.

Aprovado em: 23/12/2020.